O DESEJO DE NÃO TER AMADO – UMA LEITURA DO UNIVERSO POÉTICO DE RICARDO REIS

Lucas de Aguiar Cavalcanti
Mestrando do PPG em Ciências da Literatura (UFRJ)
E-mail: lksaguiar@gmail.com

RESUMO

Este artigo pretende revisitar a poesia de Ricardo Reis, realizando uma leitura focada na obra atribuída a esse heterônimo, considerando-a em sua autonomia. Deste modo, o objetivo não será abordar o conjunto da produção pessoana, mas analisar a obra de Reis e compreendê-la de maneira independente, como obra que constitui um universo poético próprio. Na primeira parte do artigo, o universo poético ricardiano é discutido em relação ao conceito de poesia que nele se revela; em seguida, é relacionado às suas referências clássicas. Na segunda parte, dois poemas específicos são analisados, considerando-se a relação aparentemente paradoxal que estabelecem com o conjunto da obra desse heterônimo.

PALAVRAS-CHAVE: Fernando Pessoa, Ricardo Reis, poesia, heteronímia, musas.

ABSTRACT

This article aims at analyzing Ricardo Reis's poetry. This analysis is focused on the work attributed to this heteronym, considering it as an autonomous work. Therefore, the objective is not approaching Pessoa's general production, but understanding Reis's poetry independently, as a work that constitutes its own poetic universe. In the first part of the article, Reis's poetic universe is discussed in relation to the concept of poetry revealed in it, then, it is related to its own classical references. In the second part, two poems are analyzed, considering the apparently paradoxical relation they establish with the whole work of this heteronym.

KEYWORDS: Fernando Pessoa, Ricardo Reis, poetry, heteronym, muses.

INTRODUÇÃO

Fernando Pessoa empreendeu um dos projetos literários mais audaciosos e originais do século XX ao fragmentar sua obra. Isto é, Pessoa não produziu uma obra, no sentido habitual do termo, mas criou um universo de obras e autores que, de acordo com Lourenço (1986), são autônomas e ao mesmo tempo religadas pelo fato de gravitarem em torno da experiência de um Eu ausente. Dentro do universo pessoano, a obra de cada um de seus heterônimos, assim como a obra ortônima, representa a expressão de uma visão específica de mundo e de poesia. Essas obras ligam-se umas às outras por temas semelhantes ou por formas análogas de relacionar-se com o amor, o conhecimento, o mundo e o Outro, como argumenta Lourenço no ensaio "Fernando Pessoa ou o não-amor" (1986). Este presente ensaio, no entanto, não buscará abarcar a questão do universo pessoano de forma integral, mas focará na obra de um de seus heterônimos, Ricardo Reis.

Respeitando a criação pessoana e ao mesmo tempo considerando que a produção atribuída a Reis possui suas próprias especificidades, a obra desse heterônimo será considerada em sua autonomia, como expressão poética que revela uma forma específica de relacionar-se com o mundo e com o próprio fazer poético. Portanto, não apresento uma visão geral e detalhada da poesia de Pessoa, embora, em alguns momentos, me permita relacionar a poesia de Reis com o universo pessoano, à medida que os temas presentes nos poemas analisados estejam ligados às questões gerais da estética de Pessoa.

Na primeira parte deste artigo, busco mapear o universo próprio em que se situa a poesia de Reis, com os temas que são perseguidos sempre até o limite da obsessão: tempo e morte. Nesse universo, está a sabedoria própria que Reis desenvolve a partir dos moldes da filosofia da Antiguidade, as figuras das musas e dos elementos da mitologia clássica. Na

segunda parte, analiso dois poemas em que Reis evoca suas musas e apresenta perspectivas aparentemente incompatíveis com a rigidez de sua filosofia discutida na primeira parte deste artigo. Buscarei compreender como essas aparentes incompatibilidades se relacionam de forma profunda com o universo poético ricardiano, enquanto a incompatibilidade é apenas superficial.

O CENÁRIO EM QUE HABITA A POESIA DE RICARDO REIS

Fernando Pessoa publicou em vida apenas um livro de poemas de seu heterônimo Ricardo Reis contendo vinte odes dentro da revista *Athena*, em 1924. A ode que abre o conjunto indica a vocação clássica do heterônimo e, mais que isso, revela sua visão intelectual, consciente e séria sobre a poesia, visão esta que guiará toda a produção atribuída ao heterônimo ao longo de duas décadas (os primeiros poemas que Pessoa atribui a Reis datam de 1914 e os últimos de 1934).

> Seguro assento na coluna firme
> Dos versos em que fico,
> Nem temo o influxo inúmero futuro
> Dos tempos e do olvido;
> Que a mente, quando, fixa, em si contempla
> Os reflexos do mundo,
> Deles se plasma torna, e à arte o mundo
> Cria, que não a mente.
> Assim na placa o externo instante grava
> Seu ser, durando nela. (PESSOA, 2007, p. 13)

A coluna firme é metáfora perfeita para a rigidez, harmonia, sobriedade, proporcionalidade e perfeição que Reis almeja para seus versos. Além de metáfora estruturante, a palavra coluna introduz a atmosfera de Antiguidade clássica que será permanentemente construída na poesia de Ricardo Reis através das musas, das referências à

mitologia greco-romana, dos versos de inspiração horaciana e da filosofia epicurista. Como pagão perdido na modernidade, Reis recorre a todos esses elementos, a fim de recuperar valores e sabedorias clássicos, porém, muitas das vezes, os reinventa e atualiza.

Enquanto Álvaro de Campos é o heterônimo através do qual Fernando Pessoa explora de forma mais livre a emoção, Ricardo Reis é o heterônimo da disciplina e do rigor de pensamento, que se traduzem no ritmo e na métrica. Diante dessa diferença de posição, Pessoa cria um debate entre os dois heterônimos sobre a natureza da poesia, dando origem a uma controvérsia sobre a função do ritmo, da música, das ideias e da emoção. Em resposta a Campos, Reis defende o domínio da ideia sobre as emoções, domínio que depende da disciplina:

> Eu, porém, antes diria que a poesia é uma música que se faz com ideias, e por isso com palavras. Considerai que será o fazerdes música com ideias, em vez de com emoções. Com emoções fareis só música. Com emoções que caminham para ideias (...), fareis o canto. Com ideias só, contendo tão somente o que de emoção há necessariamente em todas as ideias, fareis poesia. (PESSOA, 1980, p. 392)

A rigidez do ritmo e da métrica, associada ao predomínio das ideias sobre as emoções, integram a disciplina que Ricardo Reis julga necessária à poesia e persegue em todos seus poemas. Essa estrutura racional que não se deixa abalar pelas emoções caracteriza a coluna firme em que Reis pretende assentar seus versos, transformando-os por fim na própria coluna. Esse esforço consciente de construir uma poesia puramente racional visa construir uma sabedoria de vida, recuperando e atualizando antigos valores da sabedoria clássica grega, deixando sempre transparecer um fundo de angústia moderna.

> Quão breve tempo é a mais longa vida
> E a juventude nela! Ah Cloe, Cloe
> Se não amo, nem bebo,
> Nem sem querer não penso
> Pesa-me a lei inimplorável, dói-me
> A hora invita, o tempo que não cessa
> E aos ouvidos me sobe
> Dos juncos o ruído
> Na oculta margem onde os lírios frios

> Da infera leiva crescem, e a corrente
> Não sabe onde é o dia,
> Sussurro gemebundo. (PESSOA, 2007, p. 16)

Na perspectiva de Ricardo Reis, todas as glórias e honras que o mundo tem a oferecer são passageiras, todos os sentimentos de alegria ou tristeza são inquietações momentâneas, logo, a passagem do tempo e a morte são os únicos temas possíveis para sua poesia. O tempo que não cessa revela a angústia igualmente incessante desse pagão do século XX diante da morte inevitável. No poema acima, Ricardo Reis invoca sua musa cujo nome é de inspiração horaciana, no entanto, transforma-a em figura de sua própria mitologia. O nome Cloe é apenas um vocativo, sua presença é ignorada diante da gravidade do tema central do tempo. A brevidade de tudo exaspera-o. Não beber e não pensar não são gestos capazes de evitar o peso da lei implacável. Apesar de todos os esforços de Ricardo Reis por imitar ou reconstituir uma atmosfera de Antiguidade Clássica, não podemos deixar de perceber a angústia de homem moderno que subjaz a toda sua poesia, como Eduardo Lourenço explicita:

> No seu ar de imitar a Antiguidade na sua perfeição idealmente de mármore inscrito, dialogando com ela e na verdade digna dela, o que sobressai é um fundo de angústia moderna, como moderna sob cor antiga, é a resposta para a não-resposta de onde nasce e extravasa. (LOURENÇO, 1981, p. 51)

A resposta de Reis diante do inevitável consiste em aceitar a passagem do tempo de forma voluntária e viver a vida de forma tranquila, aproveitando a luz do dia e os prazeres calmos que não agitam a alma. Essa resposta remete-nos aos ensinamentos da antiga filosofia epicurista. Essa relação entre a poesia de Reis com a doutrina epicurista que era ensinada na Grécia clássica fica explícita em um verso do poema *Os jogadores de xadrez,* do qual cito uma estrofe*:*

> Meus irmãos em amarmos Epicuro
> Em o entendermos mais

> De acordo com nós próprios que com ele,
> Aprendamos na história
> Dos calmos jogadores de xadrez
> Como passar a vida.
> (PESSOA, 2007, p. 53)

Na *Carta a Meneceu*, também conhecida como *Carta sobre a felicidade* (2002), Epicuro apresenta os ensinamentos que levam à felicidade, desenvolvendo diversas reflexões que podem ser associadas à poesia de Reis. Epicuro defende a importância da filosofia como preparação para vida e para a morte, isto é, como instrumento de felicidade. Logo, não pode haver ser humano mais feliz que o sábio que tem conhecimento sobre os deuses, é indiferente perante a morte e sabe encontrar prazer nas coisas simples e fáceis de se obter. Sabedoria semelhante é a que Ricardo Reis persegue em toda sua poesia, ao tentar esquecer voluntariamente da morte, viver breve e belamente como as rosas do jardim de Adônis.

Considerando que não há sensações após a morte, pois só as há durante a vida, Epicuro apresenta a conclusão aparentemente óbvia de que a morte não significa nada, já que o homem só pode sentir durante a vida e quando morre não há como sofrer. O pensamento de que a morte não é nada é o que Ricardo Reis persegue, repetindo esse ensinamento de forma tão insistente, e até obsessiva, que ele mal esconde o quanto a morte o aflige. A doutrina ricardiana que defende a calma diante da morte não deixa de revelar que no fundo ela é seu maior desespero.

O prazer é ainda outro tema das considerações da carta de Epicuro que ensina a buscá-lo não nos banquetes e bebedeiras, mas nas coisas simples que a natureza fornece. Os prazeres exagerados e extravagantes causam a perturbação do espírito, a agitação da alma, podendo, por consequência, levar ao desprazer e sofrimento. O que se deve buscar como caminho para felicidade é, portanto, o prazer que está ao alcance da mão oferecido pela

natureza. A água, a luz do sol e a vista do rio passando são elementos que aparecem nas odes de Reis como fontes de um prazer calmo que evita perturbar a tranquilidade constante de uma mente consciente de si, do tempo, da morte e da vida. Essas formas de prazer estão ligadas à beleza, e a forma de aproveitá-las baseia-se na prudência:

> De todas essas coisas a prudência é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a própria filosofia; é dela que originaram todas as demais virtudes, é ela que nos ensina que não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça, e que não existe beleza prudência e justiça sem felicidade. (EPICURO, 2002, p. 45)

Os ensinamentos da *Carta* de Epicuro subjazem ao pensamento que Ricardo Reis constrói como base de sua poesia. Isto é, Ricardo Reis desenvolve em seus poemas e nos ensinamentos que transmite às suas musas uma sabedoria própria, uma filosofia singular que, se por um lado tem base epicurista, por outro, é dotada da angústia que lhe é própria. A filosofia clássica serve como base sobre a qual Reis desenvolve um pensamento próprio que rege seu universo poético. A sabedoria de Reis, no entanto, não é capaz de apagar completamente sua angústia, na verdade, a própria sabedoria é constituída de um grande desespero. A calma e o domínio da razão sobre as emoções do medo são encenações apresentadas em uma atmosfera clássica. Por vezes, a máscara cai e Reis expõe sem pudor seu sofrimento.

> Temo, Lídia, o destino. Nada é certo.
> Em qualquer hora pode suceder-nos
> O que nos tudo mude.
> Fora do conhecido é estranho o passo
> Que próprio damos. Graves numes guardam
> As lindas do que é uso.
> Não somos deuses: cegos, receemos,
> E a parca dada vida anteponhamos
> À novidade, abismo. (PESSOA, 2007, p.17)

Ainda que diante do temor exposto, a atmosfera clássica, o rigor do ritmo e da forma continuam intactos. Isto é, mesmo que por um minuto Reis abandone sua máscara, o

cenário continua montado. Após confessar o temor da morte, o heterônimo propõe ainda uma saída: viver a parca dada vida, antes que a novidade do abismo chegue. A resposta é tão desesperada, acompanhada ainda da observação de que a única vida de que dispomos é escassa, que mal se sustenta como solução perante a possibilidade de que tudo mude.

Em sua agonia, Ricardo Reis evoca sempre suas musas que lhe servem de plateia muda. Transmite-lhes seus ensinamentos, convida-as a observar a natureza, a passagem do tempo e a não amar para não atormentar a alma. Lídia, Neera e Cloe não chegam a ser presenças humanas, mas figuras desse universo anacrônico e fictício que Reis constrói para sua poesia habitar. Essas figuras femininas são constituídas como "musas edificadas num altar distante das quais apenas se utiliza como subterfúgio para o verdadeiro culto que o é de uma arte poética mais elevada" (Camargo; Thimóteo, 2011, p.26). Pensar as musas como altar justifica sua imaterialidade e a ausência de interação, na medida em que elas nunca respondem. As musas funcionam como imagem na poesia de Ricardo Reis, em que o único culto é feito à própria poesia. Esse culto já está marcado na escolha de Fernando Pessoa em abrir a única coletânea desse heterônimo que ele pode publicar com um poema que se refere à solidez dos próprios versos. As musas figuram no universo ricardiano como elemento de reconstituição de uma atmosfera clássica, assim como elemento edificante de uma poesia que se pretende à altura da Antiguidade clássica.

O rigor formal da poesia de Reis atende à aspiração de "mostrar, por assim dizer, com a prova nas mãos, que Poesia é mais que Destino e Deuses". (Lourenço, 1981, p. 60). Pensando a partir dessa perspectiva apresentada por Lourenço, percebemos o tom de desafio presente no primeiro poema da coletânea de Ricardo Reis em que ele diz não temer o futuro, pois na estrutura firme de seus versos "o instante grava seu ser". Esse projeto de uma poesia grandiosa, impecável, que busca construir beleza e recuperar na justeza dos

versos a ordem que falta ao mundo é construído através da figura das musas que aparecem mais como imagem que como mulheres, da sabedoria antiga que é retomada e ensinada por Reis e ainda da influência horaciana que está na estrutura de seus versos e no nome de suas musas.

Ao passo que se apropria do universo horaciano como fonte de inspiração, a poesia desse heterônimo pessoano produz um modo diferente de relacionar-se com o mesmo problema da efemeridade da vida. Embora consinta em aproveitar o momento presente e desfrutar dos prazeres tranquilos, Reis não consegue em momento algum abandonar completamente a consciência da brevidade das coisas. Deste modo, Reis, diferentemente de Horácio, jamais habita o presente de maneira plena, assombrado pelo futuro:

> Horácio segue uma moral utilitária. Ricardo Reis afirma a inutilidade da moral e a inutilidade do útil. Nada é meio para conseguir nada, nada tem um fim, as sombras das árvores, sem querer, nos amam. Tudo é inútil: o universo, a vida, a glória, a fama o amor, a ciência. (TRINGALE, *apud* ELISETE, 2008, p.5)

A intertextualidade estabelecida por Fernando Pessoa entre seu heterônimo clássico com Horácio e Epicuro serve de elemento criativo de novas formas, na medida em que Reis se relaciona de modo diferente com os mesmos problemas da Antiguidade. Isto é, Reis apropria-se dos elementos da filosofia e poesia clássicas para construir sua própria sabedoria e seu universo poético próprio.

A LEMBRANÇA DE NÃO TER AMADO

A obsessão de Ricardo Reis pelo tema da morte e do tempo pode ser compreendida como a expressão que encontra nesse heterônimo a questão central da poesia de Pessoa para Eduardo Lourenço: “A poesia de Pessoa, enquanto poética confessa e obsessiva da consciência como solidão ontológica, tinha de ser, fatalmente, uma poesia do não amor”.

(Lourenço, 1986, p. 62) A incontornável solidão do ser é o tempo todo repetida por uma consciência incessante, que nunca deixa esquecer a condição absurda que é o próprio ato de ser consciente. Em Reis, as questões da consciência e da solidão ontológica manifestam-se através da brevidade da vida, tema que ele jamais consegue contornar. O resultado dessa consciência incessante é uma busca pelo conhecimento que está não apenas em Reis, mas em toda a obra pessoana como defende Lourenço (1986) ao caracterizar a poesia de Pessoa como *poesia do conhecimento*. No entanto, a relação que se estabelece com o conhecimento não é apaziguadora, isto é, na poesia de Pessoa não existe a promessa de salvação pela ciência ou de conciliação com a existência através do conhecimento. No caso de Ricardo Reis, o conhecimento que importa é sempre a própria consciência da condição humana, ou seja, o conhecimento torna o abismo ainda mais profundo e intransponível.

Cito a seguir dois poemas de Ricardo Reis. Observo a partir desses poemas uma superficial incompatibilidade com a "doutrina ricardiana" apresentada na seção anterior, no entanto, defendo a hipótese de que essa incompatibilidade integra-se ao universo poético do heterônimo:

> Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
> Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
> Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
> (Enlacemos as mãos).
> Depois pensemos, crianças adultas, que a vida
> Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa,
> Vai para um mar muito longe, para ao pé do Fado,
> Mais longe que os deuses.
> Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos.
> Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio.
> Mais vale saber passar silenciosamente
> E sem desassossegos grandes.
> Sem amores, nem ódios, nem paixões que levantam a voz,
> Nem invejas que dão movimento demais aos olhos,
> Nem cuidados, porque se os tivesse o rio sempre correria,
> E sempre iria ter ao mar.
> Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos,
> Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e caricias,
> Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro

> Ouvindo correr o rio e vendo-o.
> Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as
> No colo, e que o seu perfume suavize o momento —
> Este momento em que sossegadamente não cremos em nada,
> Pagãos inocentes da decadência.
> Ao menos, se for sombra antes, lembrar-te-ás de mim depois
> Sem que a minha lembrança te arda ou te fira ou te mova,
> Porque nunca enlaçamos as mãos, nem nos beijamos
> Nem fomos mais do que crianças.
> E se antes do que eu levares o óbolo ao barqueiro sombrio,
> Eu nada terei que sofrer ao lembrar-me de ti.
> Ser-me-ás suave à memória lembrando-te assim — à beira-rio,
> Pagã triste e com flores no regaço. (PESSOA, 2007, p. 30)

A relação de Reis com o conhecimento poder ser notada a partir da escolha lexical, isto é, do uso repetitivo, no poema acima, dos verbos *aprender* e *pensar*. Não há espaço para o sentir. Como revela em seu debate com Álvaro de Campos, Reis acredita em uma poesia baseada nas ideias, tendo a emoção apenas como o mínimo necessário de emoção que há em toda ideia. O heterônimo defende o aprendizado sobre a passagem do tempo com a observação do fluir do rio que, assim como as horas, jamais volta.

Como parte do jogo de encenação que é a poesia de Reis, o poema apresenta instruções para Lídia, com verbos no imperativo, quase que como rubricas de teatro. O eu lírico convida Lídia a sentar, enlaçar e desenlaçar as mãos, construindo um poema carregado de imagens, como um movimento que se projeta na mente do leitor. O cenário é a beira do rio, decorado com flores, o espaço ideal para o pensamento ricardiano e o aprendizado com a natureza. Desse aprendizado, mais uma vez e sempre, surge a conclusão de que não vale a pena amar intensamente, pois o amor não é capaz de mudar o destino da vida nem interromper o fluxo do tempo. O que vale é evitar as agitações da alma, sejam elas a partir das experiências positivas como o amor ou negativas como o sofrimento e a inveja. O amor, ou qualquer outra experiência sentimental, perde a importância perante a gravidade e a tragicidade do aprendizado.

No universo pessoano, a mulher, juntamente com Deus, constitui "o Outro absoluto" (Lourenço, 1986), sendo reduzida no poema acima à pura imagem. Lídia não é uma mulher de carne e osso cujas vontades possam ser ouvidas, antes, ela é, como todas as musas de Reis, uma imagem que integra o universo que ele constrói para sua poesia. Impassível, ela não esboça nenhuma reação às instruções que recebe, e nem poderia. Lídia enlaça e desenlaça as mãos, apoia as flores no regaço, posa como pagã triste para compor o quadro ideal do poema de Reis. A mulher apresenta-se como elemento da imaginação, elemento de um universo ficcional, não tem nada de ser humano.

> Neera passeemos juntos
> Só para nos lembrarmos disto...
> Depois quando envelhecermos
> E nem os Deuses puderem
> Dar cor às nossas faces
> E mocidade aos nossos colos,
> Lembremo-nos, à lareira,
> Cheiinhos de pesar
> O ter quebrado o fio,
> Lembremo-nos, Neera,
> De um dia ter passado
> Sem nos termos amado… (PESSOA, 2007, p. 31)

Lourenço (1986) cita *O amante visual*, trecho do *Livro do desassossego,* no qual o heterônimo Bernardo Soares caracteriza o amor como fixação numa imagem bela e atraente, não lhe interessando o interior da pessoa representada na figura de homem ou mulher. Na verdade, "quanto mais a Mulher se aproxima da pura imagem, maior é o seu poder de fascínio" (Lourenço, 1986, p. 65). Se no *Livro do desassossego* a questão da mulher enquanto imagem aparece de forma mais explícita, em Ricardo Reis a representação feminina torna-se pura imagem do imaginário poético. Neera é exortada a passear, passar o tempo, sem nenhuma promessa de felicidade, envolvimento sentimental ou amor. Como pura imagem da ficção ricardiana, ela encena, assim como Lídia. Passeia, passa o tempo,

envelhece para lembrar à lareira. As duas musas, nos poemas acima, compõem o quadro imagético do universo poético de Reis.

A frieza com que Ricardo Reis rejeita o envolvimento com qualquer coisa que esteja ligada à vida no poema "Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio", leva Eduardo Lourenço a comentar: "É bem difícil reconhecer o amor nesta festa sem desejo, nesta assimilação do amor às seduções do instinto de morte" (Lourenço, 1986, p. 74). Nesse comentário, Lourenço permanece em sua correta argumentação de que a poesia de Fernando Pessoa, em todos seus heterônimos e também na produção ortônima, caracteriza-se como poesia do não amor. No entanto, apesar da renúncia à vida e da exortação à aceitação do destino que há na poesia de Ricardo Reis, há também os momentos em que a máscara de sua encenação cai e o seu desespero de homem moderno fica mais evidente, como no poema que cito acima: "Temo, Lídia, o destino. Nada é certo." Creio que "Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio" constitui mais um desses momentos em que a doutrina filosófica que Ricardo Reis constrói para si e suas musas é abalada pela angústia que ele mal pode esconder e na qual vem à tona alguma forma de desejo. Se no primeiro poema há o medo explícito da morte, ao qual não resiste a calma epicurista, no segundo poema há o desejo pela lembrança que abala a indiferença total à vida.

A vontade de lembrar também aparece em "Neera, passeemos juntos". Diante do furor implacável do tempo, que nem mesmo os Deuses conseguiriam atenuar, a projeção de uma lembrança futura parece suavizar a presença da morte cada vez mais próxima. O pessimismo de Reis parece dar alguma trégua nesse poema, de forma surpreendente, até o rigor formal de seus versos abre espaço para uma pequena liberdade no uso coloquial e afetivo de um diminutivo: "cheiinhos". No entanto, a quebra na rigidez do pensamento não vai mais longe que isso, pois a lembrança que Reis deseja compartilhar com Neera, assim

como a que ele deseja ter com Lídia, é uma lembrança de não ter amado. Mais uma vez, a experiência de uma vida sábia é valorizada em detrimento de qualquer envolvimento afetivo, pois vale mais a pena lembrar de ter sido sábio e evitado o sofrimento do que a lembrança de ter amado.

A sabedoria de base epicurista que Ricardo Reis constrói para sua poesia, e que é impregnada de sua própria personalidade, ensina a calma de espírito e tranquilidade diante da passagem da vida e inevitabilidade da morte. O heterônimo ensina suas musas a passar a vida de maneira calma, sem perder tempo com tristezas ou aflições, tomando como exemplo de vida as rosas que morrem no mesmo dia em que nascem. Essa serenidade constitui parte do jogo de encenação que é toda sua poesia, serve como precária máscara para encobrir o desespero existencial revelado como crise da consciência. Por vezes, Reis deixa sua máscara cair, revelando o desespero que está por trás de sua calma clássica. Nesses momentos, ele teme a morte abertamente e permite-se desejar, embora não se entregue ao amor, ter alguma lembrança ao lado de suas musas. A doutrina da indiferença total cede diante da presença de um outro, ainda que esse outro esteja na forma imagética de uma musa. Reis deseja compartilhar suas lembranças frias e clamas com Lídia e Neera. Quer guardar na lembrança a imagem suave que ele projetou de Lídia como “pagã triste à beira-rio”.

Esses momentos em que Reis cede ao desejo de lembrar não podem ser vistos como falha em sua doutrina, tendo em vista o rigor do pensamento que Reis se impõe e a rigidez formal de seus poemas que revela um profundo cuidado em cada verso. Prefiro defender a hipótese de que esses momentos em que Reis entrega-se ao medo da morte ou cede brevemente ao desejo de lembrança não são falha, mas parte importante de sua encenação para lembrar-nos de que seu paganismo e epicurismo contemporâneos não são

completamente realizáveis. A obsessão pelos temas da morte e do tempo que há durante todos os vinte anos ao longo dos quais a obra de Reis foi produzida já teria sido suficiente para revelar o desespero que subjaz à sua obra. No entanto, além dessa perseguição obsessiva dos mesmos temas, há os momentos em que se mostram os bastidores dessa encenação da calma. Reis, aprendiz rebelde de Horácio e Epicuro, não é a expressão de uma poesia perfeita e impecável que revela calma e tranquilidade de espírito como aparenta à primeira vista. Na verdade, a poesia de Reis é encenação que mal disfarça um profundo desespero existencial. Encenação que discretamente se revela enquanto tal, para deixar aparecer os vestígios da agonia. É busca por alguma calma antiga em meio à modernidade, busca que atinge seu objetivo de forma mais bela e completa quando fracassa.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, Luiz Rogério; THIMOTEO, Maria Natália F. G. "À margem das musas... Que musas? Apontamentos da poética neoclássica de Ricardo Reis" In: *Todas as letras - Revista de Língua e Literatura*. São Paulo: Editora Revistas Mackenzie, v. 13, n. 1, 2011, p. 23 - 32.

EPICURO. *Carta a Meneceu*. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

LOURENÇO, Eduardo. "Ricardo Reis ou o inacessível paganismo". In: LOURENÇO, E. *Fernando Pessoa revisitado*. Lisboa: Moraes Editores, 1981.

_____. "Fernando Pessoa ou o não amor". In: LOURENÇO, E. *Fernando – Rei da nossa Baviera*. Lisboa: Imprensa nacional, Casa da moeda, 1986.

PESSOA, Fernando. *Poesia completa de Ricardo Reis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

_____. *Páginas íntimas e de auto interpretação*. Lisboa: Edições Ática, 1980.

SILVA, Elisete E. Ferreira da. “Projeções do antigo: Horácio e Ricardo Reis”. In: *Em tese*. Belo Horizonte: FALE – UFMG, V. 12, 2008, p. 58 – 63.

Recebido em 18 de abril de 2017.
Aceite em 21 de junho 2017.

Como citar este artigo:
CAVALCANTI, Lucas de Aguiar. O desejo de não ter amado – uma leitura do universo poético de Ricardo Reis. Rio de Janeiro, *Palimpsesto*, n. 24, p.125-140, jan.-jun. 2017. Disponível em: < http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num24/estudos/palimpsesto24estudos07.pdf >. Acesso em: *dd mmm. aaaa*. ISSN: 1809-3507